



Eixo: Serviço Social, fundamentos, formação e trabalho profissional

Sub-eixo: Fundamentos históricos e teórico-metodológicos

IMPORTÂNCIA DAS NARRATIVAS NA CONSTRUÇÃO DA CARTOGRAFIA DO TERRITÓRIO

ELIANA APARECIDA FRANCISCO¹

Resumo: Este artigo busca realizar uma reflexão, partindo de algumas aproximações, sobre a importância da metodologia da história oral como estratégia de construção da cartografia do território, visando um processo de valorização das experiências, socialização de histórias e de saberes, desvelando uma realidade a ser conhecida a partir do cotidiano da vida social.

Palavras-chave: Narrativa; Cartografia; Território.

Resumen: Este artículo busca realizar una reflexión, partiendo de algunas aproximaciones, sobre la importancia de la metodología de la historia oral como estrategia de construcción de la cartografía del territorio, buscando un proceso de valorización de las experiencias, socialización de historias y de saberes, desvelando una realidad a ser conocida a partir de lo cotidiano de la vida social.

Palabras claves: Narrativa; Cartografía; Territorio.

I. INTRODUÇÃO

“Se queres ser universal, começa por pintar a tua aldeia”.

Leon Tolstói – escritor Russo

Quando falamos de narrativas propomos um pensar sobre o significado das falas, das vozes dos sujeitos, que compõem o enredo do que representa viver em um dado território, ou seja, em um determinado lugar, como este se apresenta e qual o movimento da vida cotidiana em suas diferentes nuances.

Uma proposta de aproximação sobre a importância do registro da “história vista de baixo” (THOMPSON, 1966, p. 279 *apud* MARTINELLI, 2014,

¹ Estudante de Pós-Graduação. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. E-mail: <elianaparecida@hotmail.com>

p. 10), valorizando a forma como os sujeitos históricos relatam suas experiências de vida e expressam o seu olhar sobre o movimento da realidade social, a partir do lugar em que vivem.

A busca do entendimento das múltiplas determinações que compõem a maneira de ser de um dado lugar, assim refletindo sobre a importância de uma cartografia crítica “capaz de se contrapor simultaneamente ao positivismo e ao papel de direção absoluta e autoritária das forças políticas hegemônicas no processo de produção cartográfica”. (ALMEIDA, 2013, p. 167)

II. DESENVOLVIMENTO

“As palavras têm significado: algumas delas, porém, guardam sensações”.

(Zygmunt Bauman)

A identificação do território, a partir das narrativas locais, possibilita analisar e conhecer as representações gráficas dos diferentes espaços para além de uma direção única da construção da representação da realidade.

Dentro da leitura de um dado território, o lugar, uma expressão do espaço, sendo este impossível de ser pensado como afirma Milton Santos, em seu livro *Da Totalidade ao Lugar*, à medida que o tempo não é apreendido como existência de um tempo histórico, assim é igualmente impossível imaginar que a sociedade possa realizar-se sem o espaço ou fora dele, ou seja, a sociedade evolui no tempo e no espaço. (SANTOS, 2014, p. 63)

O tempo que trabalha para que as coisas evoluam é o tempo presente; o palimpsesto² formado pela paisagem é a acumulação de tempos passados, mortos para a ação, cujo movimento é dado pelo tempo vivo atual, o tempo social. (SANTOS, 2014, p. 63)

Desta forma, apreender o jeito de ser dos diversos territórios presentes em uma dada localidade, representa analisar como se expressa o espaço a

² Palimpsesto: pergaminho cujo texto foi escrito em cima de outro que foi raspado. (Houaiss, 2004:544)

partir dos significados dados aos lugares vividos. “Vidas individuais e história, é uma relação que tem a configuração de um mosaico, onde cada peça tem o seu significado, pois ali se articulam acontecimentos passados, lembranças narradas e vidas presentes” (MARTINELLI, 2014, p. 08). Esse lugar, que é para além do espaço da minha casa, da minha vizinhança, do meu bairro, só tem sentido a partir do meu olhar, do meu sentir. Por isso, a fonte oral é um instrumento riquíssimo de apreensão do significado do saber vivido. Como bem relata Mia Couto em seu livro, *Se Obama fosse africano?*

Sou biólogo e viajo muito pela savana do meu país. Nessas regiões encontro gente que não sabe ler livros. Mas que sabe ler o seu mundo. Nesse universo de outros saberes, sou eu o analfabeto. Não sei ler os sinais da terra, das árvores e dos bichos. Não sei ler nuvens, nem o prenúncio das chuvas. Não sei falar com os mortos, perdi contato com os antepassados que nos concedem o sentido da eternidade. Nessas visitas que faço à savana, vou aprendendo sensibilidades que me ajudam a sair de mim e a afastar-me das minhas certezas. Nesse território, eu não tenho apenas sonhos. Eu sou sonhável. (COUTO, 2011, p. 14 -15)

Para além dos dados estatísticos cada lugar demonstra uma realidade social que para ser apreendida necessita de uma observação e uma escuta atenta às diferentes formas de narrativas que constituem o processo histórico local, despida de pré-conceitos, e que ao mesmo tempo em que se apresenta a face micro desta realidade, há uma interface macro com a realidade social mais ampla.

Quando analisamos os indicadores sociais e os situamos dentro da perspectiva de territórios de inclusão ou de exclusão, construímos réguas de leituras de realidades, mas ao utilizarmos as narrativas vamos dando rosto, sentido e historicidade aos indicadores, por exemplo, o de vulnerabilidade social.

Segundo projeções do Banco Mundial, entre 2010 e 2030, ainda que os 40% mais pobres tenham um incremento de renda 2% acima da média geral anual, restariam em todo o mundo cerca de 260 milhões de pessoas abaixo da pobreza. Reside aqui o tamanho de nosso desafio para a próxima década: fazer com que os mais pobres se apropriem das maiores parcelas de crescimento econômico, reduzindo o abismo que divide sociedades e compromete democracias no mundo. (OXFAM, 2017, p. 11)

As características dos territórios dialogam constantemente com a dinâmica social mais ampla, assim como aponta o relatório da Oxfam, há um desafio global, mas este se manifesta localmente, como aponta Milton Santos em seu livro *Espaço e Método*, em que nos diz que o movimento dialético entre a forma e conteúdo, a que o espaço, soma dos dois, preside, é, igualmente, o movimento dialético do todo social, apreendido na e através da realidade geográfica. Cada localização é, pois, um momento do imenso movimento do mundo, apreendido em um ponto geográfico, um lugar. Por isso mesmo, cada lugar está sempre mudando de significação, graças ao movimento social: a cada instante as frações da sociedade que lhe cabem não são as mesmas. (MILTON SANTOS, 2014, p.13)

Assim, falar da cartografia do território é pensar a dinâmica local nesta interface com a dinâmica global, e através das narrativas é possível conhecer as mudanças que ocorrem não só no espaço geográfico, mas também no entendimento e nas estratégias criadas pelos sujeitos para se adaptarem a um mundo cada vez mais conectado, não só no seu processo de produção de riqueza, mas também na sua produção de pobreza. Esse movimento de avanços e de retrocessos de garantias de direitos impacta a dinâmica local, os enredos das vidas dos sujeitos, como também impacta a direção social da sociedade.

A redução de desigualdades permite aumentar o acesso a direitos básicos. Dentro do Brasil, quanto menor a desigualdade de renda, maior a garantia a serviços essenciais como oferta de água ou de médicos, menores as taxas de mortalidade infantil e maior a expectativa de vida ao nascer. Combater desigualdades é também o caminho para vivermos em uma sociedade menos violenta, já que a exclusão social está diretamente relacionada ao aumento da violência, seja na cidade ou no campo. Por fim, a boa saúde de uma democracia depende de sociedades igualitárias: quanto maior a desigualdade e a interferência indevida de elites na definição de políticas, menor é a crença das pessoas na capacidade da democracia melhorar suas condições de vida, e menor é a crença na democracia em si. (OXFAM, 2017, p. 17)

O relatório da Oxfam nos apresenta como os processos de redução de desigualdades aumentam o acesso a direitos básicos e ao mesmo tempo

umentam a crença das pessoas na democracia. Vejam, como para além de monitorar os indicadores sociais é fundamental ouvir as pessoas e perceber, nas nuances, no miúdo da vida cotidiana, como essa realidade vêm impactando a visão e o diálogo com mundo, nesta dinâmica do local para o global e vice-versa.

O Serviço Social, por ser uma profissão interventiva, busca constantemente lapidar as estratégias de leitura de realidade, a partir da escuta qualificada da fala dos sujeitos, mas, para além de uma ação mecânica, o ato de ouvir, há a necessidade de uma compreensão das diferentes linguagens expressas na fala, pois como afirma Mia Couto:

As línguas servem para comunicar. Mas elas não apenas “servem”.
Elas transcendem essa dimensão funcional. Às vezes, as línguas
fazem-nos ser. (COUTO, 2011, p.13)

Quando registramos a fala num contexto de construção da cartografia de um dado território, ela é uma expressão não só da forma de ser de um lugar, mas também das pessoas que lá residem, assim o lugar, para além do espaço comum, é uma estratégia de afirmação individual e coletiva.

Ao analisarmos a seguinte expressão “*o mundo é diferente da ponte pra cá*”, letra da música, *Da ponte pra cá (2002)*, dos Racionais MC’s, vemos uma narrativa que denuncia que em uma cidade, nem todos os lugares são iguais. Ainda nesta mesma letra, “*não adianta querer, tem que ser, tem que pá*” (...) “*não adianta querer ser, tem que ter pra trocar*”. Há um desnudar de uma realidade desafiadora, em que as expressões da questão social se fazem presentes pautando as diversas estratégias de sobrevivência, desvelando uma sociedade pautada em valores de mercado, em detrimentos de valores tão essenciais como do direito à vida.

Então, falar da realidade das periferias, por exemplo, é falar não só de realidades vividas, mas também é colocar em pauta os sentimentos de pertencimento, é trazer presente as diversas sensações despertadas pelo cotidiano de enfrentamento das vulnerabilidades sociais, é falar de valores que

permeiam as relações entre as pessoas e a forma como se dá a sua conexão com o mundo.

Em outra música, também dos Racionais MC's, *Fórmula Mágica da Paz* (1997):

2 de Novembro era finados. Eu parei em frente ao São Luís do outro lado. E durante uma meia hora olhei um por um. E o que todas as senhoras tinham em comum. A roupa humilde, a pele escura, o rosto abatido pela vida dura. Colocando flores sobre a sepultura (podia ser a minha mãe que loucura). Cada lugar uma lei, eu tô ligado, no extremo sul da Zona Sul tá tudo errado. Aqui vale muito pouco a sua vida. A nossa lei é falha, violenta e suicida. Se diz que, me diz que, não se revela. Parágrafo primeiro na lei da favela. Legal... Assustador é quando você descobre que tudo deu em nada e que só morre pobre. A gente vive se matando irmão, por quê? (RACIONAIS, 1997).

Ao parar para observar o cotidiano de um cemitério, Jardim São Luís, cemitério público localizado na periferia do zona sul da cidade de São Paulo, é apontado quem são as maiores vítimas da violência: “*A roupa humilde, a pele escura, o rosto abatido pela vida dura*”. Há uma cartografia do território sendo delineada que demonstra qual é a densidade demográfica a partir do quesito cor/raça das pessoas que vivem nesta localidade, quais os impactos de uma sociedade desigual, assim para além dos números, os relatos orais nos apresentam os significados da vida em suas múltiplas faces.

Esta forma de narrativa, nos apresenta como a forma de ser de um dado território transcende a explicação apenas de um dado lugar, pois “a cada momento a totalidade existe como realidade concreta e está ao mesmo tempo em processo de transformação”. (SANTOS, 2014, p. 45) Assim, a fala “*assustador é quando você descobre que tudo deu em nada e que só morre pobre*” é um desabafo perante uma realidade que muitas vezes é apresentada como fato consumado, em que a banalização da vida começa a fazer parte do cenário social, levando a um sentimento de apatia e de naturalização da violência.

Segundo dados do Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias - Infopen, com informações compiladas até junho/2016, a

população prisional no Brasil é de 726.712 pessoas vivendo em privação de liberdade, assim o país torna-se o terceiro no mundo com o maior número de pessoas presas, atrás dos Estados Unidos e da China.

O relatório do Infopen apresentou vários dados sobre o cenário do sistema carcerário e destacamos que, 40% da população prisional aguarda julgamento; 55% das pessoas presas são jovens na faixa etária de 18 à 29 anos; 64% deste contingente populacional é composta por pessoas negras e 51% possuem o ensino fundamental incompleto.

O encarceramento em massa da população jovem têm sido marca do sistema prisional brasileiro que, num outro extremo, essa mesma população está presente no topo das estatísticas da violência urbana, conforme aponta os pesquisadores do IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada):

Naturalizou-se o homicídio no Brasil. O último dado oficial disponível, de 2014, era de 60.474 mortes.³ Levando-se em conta os homicídios ocultos⁴ naquele ano, já atingimos a astronômica marca de 68.430 pessoas assassinadas no país. É uma tragédia nacional que veio ganhando musculatura nas últimas três décadas. Contudo, essas mortes violentas não vitimizam uniformemente a população em geral, mas atingem, sobretudo, os jovens, negros e com baixa escolaridade. (CERQUEIRA e COELHO, 2017)

Então, falar de territórios violentos, é falar de um racismo estrutural que exclui, segrega e mata. Assim, a cartografia é construída pautada na desigualdade do espaço como Maura Verás, em seu livro, *DiverCidade: territórios estrangeiros como topografia da alteridade em São Paulo* relata: a cidade é o lugar das contradições, zonas de deterioração em contraste com áreas de “renovação” urbana e distribuição diferenciada de ocorrências de chacinas, risco de violência, discriminação, além de cenários de devastação ecológica. A questão da configuração de territórios ganha relevo e são exigidos

³ Dados do MS/SVS/CGIAE – Sistema de Informações sobre Mortalidade – SIM. O número de homicídios aqui considerados, corresponde à soma dos óbitos com causa base definida pelas seguintes CIDs 10: X85-Y09 e Y35-Y36, ou seja: óbitos causados por agressão mais intervenção legal.

⁴ Refere-se aos homicídios erroneamente não classificados como agressões letais, mas como mortes violentas com causa indeterminada. Para maiores detalhes, ver Cerqueira (2013).

para sua análise, cada vez mais, componentes étnico-culturais e políticos, assim como recorte das identidades. (VERÁS, 1995, p.15)

Na realidade, as coisas não nos rodeiam, nós formamos com elas um mesmo mundo, somos coisas e gente habitando um indivisível corpo. Esta diversidade de pensamento sugere que talvez seja necessário assaltar um último reduto de racismo que é a arrogância de um único saber e a incapacidade de estar disponível para filosofias que chegam das nações empobrecidas. (COUTO, 2011, p. 21)

Parafraseando Mia Couto, na busca de narrativas plena de significados, há um desafio constante de se estar disponível para apreender conhecimentos que chegam dos territórios empobrecidos, invisibilizados pela cartografia oficial. As populações presentes nestas localidades, na busca de estratégias de sobrevivência, em contextos desfavoráveis, criam ações que apontam em direção às políticas sociais, indicando que a cartografia está sendo construída a partir dos desejos, necessidades, vontades e anseios, assim o lugar vai ganhando forma e relevo.

Desta forma, a relação entre o cidadão e as políticas sociais, dentro desta perspectiva de narrativas que constroem cartografias, provocam um repensar dos critérios de elegibilidade para se acessar determinadas políticas, pois nestes territórios de “ausências”, já há um movimento de garantia do direito à vida em que o Estado apenas é chamado para cartografar em seu enredo legal o que já está posto no cotidiano local.

Sem justiça e sem direitos, a política social não passa de ação técnica, de medida burocrática, de mobilização controlada ou de controle da política, quando consegue traduzir-se nisto. (...) Como produto da sociedade, os direitos têm sofrido a ação da busca do imediato, da direção única, da naturalização, da homogeneidade, mas sobretudo têm sofrido a falta de mediações. (VIEIRA, 2004, p. 59 – 60)

Os territórios, sendo conhecidos a partir das narrativas, transcendem o delineamento de escalas numéricas ou gráficas e contribuem com as estratégias de criação de mediações entre o direito e a demanda, o local e o global, assim, o espaço reproduz a totalidade social a medida em que essas

transformações são determinadas por necessidades sociais, econômicas e políticas. (SANTOS, 2014, p. 33).

Esta forma de reprodução social é demarcada pelo processo de produção, num contexto de uma sociedade capitalista. Assim, a dinâmica social de um determinado local influencia a evolução de outras estruturas, desta forma o entendimento das expressões sociais presentes no cotidiano da vida das pessoas monta um mosaico riquíssimo da realidade social em que vivemos.

A história, na verdade das coisas, se passa nos quadros locais, como eventos que o povo recorda e a seu modo explica. É aí, dentro das linhas de crenças coparticipadas, de vontades coletivas abruptamente erigidas, que as coisas se dão. (DARCY RIBEIRO, 2015, p. 201)

As histórias narradas pelos sujeitos vão se entrelaçando e montando um amplo painel da realidade social e a forma de traduzi-las dependerá da proposta da coleta dos relatos. O observador deve procurar reunir pedaços, reconstruir espaços fragmentados para delinear uma linha interpretativa que sintetize a totalidade, que supere o olhar do cotidiano. (VERÁS, 2003, p.15).

Neste processo de construção da cartografia do território, as narrativas individuais tornam-se narrativas coletivas, assim como nos diz Portelli (2001, p. 31), *uma das coisas que faz a história oral diferente é seu potencial democrático*. Numa relação de horizontalidade e de reciprocidade o narrador e o ouvinte vão compondo a narrativa.

Este ato de narrar é arraigado de subjetividades que compõem o enredo das experiências vivenciadas pelos sujeitos históricos nos diferentes quadros sociais que compõem a sua trajetória de vida e o seu processo de participação social. É assim que se materializa o registro das práticas sociais cotidianas, práticas temporais e espaciais que se cruzam na memória da cidade: as inscrições (marcas) históricas e culturais da lembrança não estão no espaço, mas no tempo, e o tempo está dentro de nós. E é o tempo, o tempo perdido, em especial o tempo redescoberto, desenvolvido, vivenciado, que nos

revela a imagem da eternidade. Antes de mais nada, memória significa compreensão, conservação, o vivido e o aprendido, não havendo, no entanto, uma regressão ao passado, mas uma “presentificação” do que já passou. (VERÁS, 1998 *apud* VERÁS, 2003, p. 21)

Na música dos Racionais MC's, *Fim de Semana no Parque* (1993), há uma forma de narrativa que convoca o seu ouvinte a vivenciar o cotidiano que está sendo narrado:

Olha só aquele clube que dá hora. Olha aquela quadra, olha aquele campo, olha. Olha quanta gente, tem sorveteria, cinema, piscina quente. Olha quanto boy, olha quanta mina... Tem corrida de kart dá pra ver, é igualzinho o que eu vi ontem na TV. Olha só aquele clube que dá hora. Olha o pretinho vendo tudo do lado de fora. Nem se lembra do dinheiro que tem que levar, pro seu pai bem louco gritando dentro do bar. Nem se lembra de ontem de onde o futuro, ele apenas sonha através do muro... (RACIONAIS, 1993)

Neste trecho da música destaco o ato de “olhar” e de chamar a atenção a todo momento para a importância deste gesto; uma observação crítica de uma realidade desigual, que exclui e segrega, em que as contradições de classe, gênero e de etnia/raça estão postas no horizonte da forma como as relações sociais estão sendo estabelecidas, há neste mesmo contexto um movimento constante de resistência, “ele... sonha através do muro”.

Nas periferias das grandes cidades uma fonte importante de narrativa do território é a música, destacamos o RAP como forma potente de nos apresentar a vida cotidiana, através da fonte oral, em que o registro das histórias têm como pano de fundo um contexto social resultante dos impactos de um projeto societário. Destacamos um trecho da música “*Homem na Estrada*” (1993), dos Racionais MC's:

Um homem na estrada recomeça sua vida. Sua finalidade: a sua liberdade.

Que foi perdida, subtraída; e quer provar a si mesmo que realmente mudou, que se recuperou e quer viver em paz, não olhar para trás, dizer ao crime: nunca mais!

Pois sua infância não foi um mar de rosas, não. Na Febem, lembranças dolorosas, então.

Sim, ganhar dinheiro, ficar rico, enfim. Muitos morreram sim, sonhando alto assim, me digam quem é feliz, quem não se desespera, vendo nascer seu filho no berço da miséria. Um lugar onde só tinham como atração, o bar e o candomblé pra se tomar a benção. Esse é o palco da história que por mim será contada. ...um homem na estrada. (RACIONAIS, 1993)

O tempo presente dialogando com o passado, cada acontecimento narrado “tem múltiplas relações com os acontecimentos gerais”. (MARTINELLI, 2014, p. 05). Os fatos vivenciados apresentam uma realidade social e cultural que demarcam as zonas de inclusão e exclusão de um território que, para além das marcas das vulnerabilidades, possui as marcas dos sonhos, dos desejos, dos valores estabelecidos socialmente, apresentando-nos uma sociedade das contradições.

Este tipo de narrativa proposta nas músicas dos Racionais MC's apresentadas neste artigo, nos convoca a revisitar o processo histórico do Brasil, para entendermos a profundidade do que há nas entrelinhas das palavras ditas e, a partir da observação e reflexão do cotidiano dos territórios das “ausências”, identificar a força da oralidade como fonte de registro da trajetória de constituição de um modelo de sociedade brasileira.

O ruim aqui, e efetivo fator causal do atraso, é o modo de ordenação da sociedade, estruturada contra os interesses da população, desde sempre sangrada para servir a designios alheios e opostos aos seus. Não há, nunca houve, aqui um povo livre, regendo seu destino na busca de sua própria prosperidade. O que houve e o que há é uma massa de trabalhadores explorada, humilhada e ofendida por uma minoria dominante, espantosamente eficaz na formulação e manutenção de seu próprio projeto de prosperidade, sempre pronta a esmagar qualquer ameaça de reforma da ordem social vigente. (RIBEIRO, 2015, p. 330)

No seu livro, “O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil”, Darcy Ribeiro apresenta a coexistência paradoxal de duas realidades no contexto da sociedade brasileira, em que “*uma prosperidade empresarial, que às vezes chegava a ser a maior do mundo, e uma penúria generalizada da população local*” (Ribeiro, 2015, p. 327), sempre coexistiram. Apontando a

importância de uma narrativa que inclua, no contexto do processo histórico brasileiro, as vozes dos invisibilizados pela história oficial.

Assim, falar de narrativas “dos territórios” é falar de correlação de forças, de disputas de projetos societários, mas também é falar de resistências, desta forma, “é preciso reconhecer e respeitar a autenticidade da narrativa, incluindo a voz do sujeito, como foi ouvida, suas palavras como foram ditas.” (MARTINELLI, 2014, p. 07)

III. Conclusão:

“Ao lado de uma língua que nos faça ser humanidade, deve existir uma outra que nos eleve à condição de divindade”. (*Mia Couto*)

As narrativas como forma de construção da cartografia do território possibilita, para além do entendimento do espaço, a objetivação de identidades.

Assim, a cartografia, que é ao mesmo tempo a ciência e a arte, responsável pela representação da realidade, contribuindo para a melhor compreensão do mundo, ao apreender as vivências dos sujeitos para entender as diversas faces desta representação, não só produz representações gráficas do espaço, mas também registra as marcas sociais presentes nos territórios.

Desta forma, as narrativas possibilitam um processo de construção coletiva de identificação dos territórios, como também o registro da história social de sujeitos e grupos considerados “*sem história*” e “*sem lugar*” nos mapas oficiais (ALMEIDA, 2013, p.167).

Ao narrar a sua trajetória de vida os sujeitos, historicamente invisibilizados pela cartografia oficial, vão apresentando uma territorialidade pautada na afetividade, assim os significados dados às vivências ganham um

relevo de pertencimento que apontam estratégias de construção social de busca de superação de realidades produtoras de vulnerabilidades.

Essa forma de busca de conhecimento das representações sociais, pautada na cartografia do território, visa

(...) dialogar sobre a necessária desnaturalização de determinadas tipologias utilizadas como sinônimos e caricaturas homogeneizantes de grupos populacionais específicos, que tomam como referência preferencial linhas de corte de renda, aliadas a outras características de perfil demográfico. Coloca-se em questão o risco de reducionismo nessa tendência atual de estabelecimento de critérios, adotados por diferentes programas sociais brasileiros, calcados, exclusivamente, em características de pessoas e/ou famílias, desconsiderando a complexidade dos contextos em que estas vivem. (KOGA, 2013, p. 31)

Para uma profissão interventiva, como o Serviço Social, ir para além das tipologias de elegibilidade para o acesso à determinadas políticas sociais, eis o grande desafio, porque as narrativas vão revelando uma dinâmica social que muitas vezes estão para além destas tipologias pré-estabelecidas.

As falas dos sujeitos históricos, apresentam-nos uma forma de apreensão da realidade social, que nos convoca a conhecer mais de perto as práticas cotidianas de enfrentamento das contradições de uma sociedade pautada em valores de mercado, em que os territórios só fazem sentido a partir da lógica do capital, mas eis que é forjado, nas fissuras do cotidiano, a ousadia de resistir, de existir e de construir cartografias possíveis de impulsionar transformações sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Alfredo Wagner Bueno de. Nova cartografia social: territorialidades específicas e politização da consciência das fronteiras; In: *Povos e comunidades tradicionais*. Manaus: PCCSA/UEA, 2013. P. 157-173.

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*; tradução, Plínio Dentzien. – Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CERQUEIRA, Daniel e COELHO, Danilo Santa Cruz. *Democracia Racial e Homicídios de Jovens Negros na Cidade Partida*. Texto para Discussão (2267). IPEA 2017. ISSN 1415-4765.

COUTO, Mia. *E se Obama fosse africano?* e outras intervenções. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

INFOPEN: *Levantamento Nacional de Informações penitenciárias*. Atualização – junho de 2016 / organização Thandara Santos; colaboração, Marlene Inês da Rosa. [et al.] ... Brasília: Ministério da Justiça e Segurança Pública. Departamento Penitenciário Nacional. 2017. 65p.: il. color. ISBN: 978 – 85 – 5506 – 063 – 2.

KOGA, Dirce. *Aproximações sobre o conceito de território e sua relação com a universalidade das políticas sociais*. Serv. Soc. Rev., Londrina, V. 16, N.1, P. 30-42, Jul./Dez. 2013.

MARTINELLI, Maria Lúcia. *História Oral: exercício democrático da palavra*. São Paulo: PUC –SP, 2014.

PORTELLI, Alessandro. *História Oral como Gênero*. Tradução: Maria Therezinha Janine Ribeiro. Revisão técnica: Dea Ribeiro Fenelon. Projeto História. São Paulo. (22). Jun. 2001.

RACIONAIS MC's. *Homem na Estrada*. Álbum *Raio X Brasil*. São Paulo, 1993.

_____. *Fim de Semana no Parque*. Álbum *Raio X Brasil*. São Paulo, 1993.

_____. *Fórmula Mágica da Paz*. Álbum *Sobrevivendo no Inferno*. São Paulo. 1997.

_____. *Da ponte pra cá*. Álbum *Nada como um dia após o outro dia*. São Paulo, 2002.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. 3. Ed. – São Paulo: Global, 2015.

SANTOS, Milton. *Da totalidade ao lugar*. 1. ed., São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014. (Coleção Milton Santos; 7).

_____. *Espaço e Método*. 5. ed., 2 reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014. (Coleção Milton Santos; 12).

VÉRAS, Maura Pardini Bicudo. *DiverCidade: territórios estrangeiros como topografia da alteridade em São Paulo*. São Paulo: EDUC, 2003.

VIEIRA, Evaldo. *Os direitos e a política social*. São Paulo: Cortez, 2004.